Vida: Deus e a terra na primeira experiência de Israel

A questão da Vida fascina o homem de todos os tempos. Toda pessoa humana quer entender sua origem, sua natureza, seu significado, seu fim. De muitos modos o ser humano tem abordado esse tema com seriedade científica, cujos resultados vêm clareando as respostas míticas dadas pelos povos antigos, que também se preocupavam com a Verdade. De muitos modos vem buscando caminhos para entender a vida em sentido amplo, mas sobretudo a vida humana tão complexa na sua constituição, sentido e fim: como protegê-la, guardá-la e, mesmo, até que ponto entregá-la em benefício dos outros. Muitos resultados destes estudos de vários séculos colocam-se ao nosso alcance, como caminhos de compreensão, em seus diversos níveis:

1. *O Caminho das Ciências Naturais* procura entender o fenômeno orgânico-psíquico da vida humana.

2. *O Caminho da Filosofia da Natureza*. Depois de anos de reflexão e sistematização dos dados obtidos, a Filosofia chega ao limiar da Biologia-Teórica. Esta abandona as respostas seculares, que procuraram explicar a Vida como mecanicismo e vitalismo, preferindo hoje o terreno das interpretações. Abrindo-se aos problemas da Vida, acerca-se do homem como elemento prioritário nesta investigação. Assim prefere porque no ser humano encontra a forma de vida que vai desde os processos inorgânicos até à conduta ética determinada por valores condizentes ao Direito de Viver, à proteção, à plenificação e à doação da própria Vida, assumida por uma consciência responsável.

3. *O Caminho Bíblico-Teológico* se ocupa da revelação feita por Deus do que seja a Vida, experimentada e transmitida por Israel e assumida pela fé cristã. Caminho este que, embora de natureza diferente, não se choca com os percorridos pelas Ciências.

A Vida no Nível Bíblico-Teológico tem como *princípio* a "Relação com a Vida de Deus" (cf. Gn 1,27s; 2,7). E isto de modo que, pela vida terrena dos homens e das mulheres, se faça possível e se prepare a participação da "Vida eterna de

Deus"[1]. Tal participação supõe a maturação da vida terrena, que é um fator interno constituinte do desenvolvimento religioso e ético da pessoa. Em conseqüência, a vida é vista como um bem cujo valor é relativo a Deus, doado ao homem e à mulher, e a serviço de sua personalidade religiosa e moral, enfim, da plenitude última de sua pessoa (cf. Mc 8,35). Ela é dada por Deus como um dom e com os meios para sua plenificação. Não se pode dispor dela arbitrariamente:

– seja no sentido de como vivê-la (Dt 30,15-18), ou de "Experimentar a Vida",

– seja no sentido de determinar o momento e a maneira de devolvê-la a Deus (Gn 3,19).

Este aprendizado foi assimilado por Israel no palco de sua existência, no ato de viver em circunstâncias históricas bem concretas e até mesmo mensuráveis.

É o primeiro destes dois aspectos bíblicos da vida terrena – *Experimentar a Vida,* objeto da primeira experiência de Israel – que constituirá a matéria dessa reflexão[2].

Dt 26,5-9, o "Credo Histórico de Israel", narra a aventura de um grupo humano em situação de desespero, sem assentamento, nômade, errante, religioso e a História de seu Deus-Javé com ele. Esta história dos Patriarcas é para Israel sua história primitiva, que se pode dividir em três épocas centradas no Êxodo, por ser esse o evento mais forte que o levou a refletir essa mesma história:

Antes do Êxodo (v. 5a) – O Êxodo (v. 5b-8) – Depois do Êxodo (v. 9), ou seja:

– "Experimentar a Vida" antes do Êxodo ou "Experimentar Deus" no "Deserto da Vida".– "Experimentar a Vida" depois do Êxodo ou "Experimentar Deus" na "Vida do Deserto".

1. EXPERIMENTAR A VIDA ANTES DO ÊXODO OU EXPERIMENTAR DEUS NO DESERTO DA VIDA

A existência dura coloca esse povo em luta pela sobrevivência. A esperança que tem em Deus o impulsiona para a mudança de situação.

Caracterizamos essa etapa com a situação de nomadismo do povo de Abraão. Povo semita vagueando pelas margens das terras do Crescente Fértil ou do Egito em busca de um pedaço de chão que lhe permitisse viver (Gn 12). Aí experimentou, na situação de mais fraco e de marginalizado ante os poderosos, a ronda da morte, e lutou para viver deslocando-se de Ur a Harã, a Canaã e depois pelo deserto do Sinai.

Todo povo faz a experiência da morte dentro de sua cultura. Por meio de uma linguagem referente à sua visão do ser humano e do mundo, antropológica e

1. Cf. SM nº 6. *Vida,* col. 847s.

2. Cf. MARCHANDOUR, A. *A morte e a Vida na Bíblia*. S. Paulo, Ed. Paulinas, 1985. Col. CB/29, p. 15-18

cosmológica, organiza seus códigos simbólicos com os quais expressa suas convicções e experiências.

Israel não é exceção. A História do Antigo Oriente no séc. XIX aC mostra a situação entre os povos: grandes senhores e massas marginalizadas. Os primeiros detendo toda a extensão da terra fértil, manipulando parte das massas miseráveis; a outra parte dessas massas de miseráveis, os mais pobres e mais fracos, não absorvida como mão-de-obra escrava, se tornava errante; nesse nomadismo premente os grupos tentavam furar aqui e acolá as defesas dos poderosos nos limites do deserto do Sinai, cuidadosamente vigiados, para apossar-se de um pedaço de chão.

A situação desses marginalizados da época era de morte, sintetizada na falta de terra que se concretizava na impossibilidade de:

– possuir morada – falta da casa;

– obter o alimento – o pão e a água, frutos da terra, símbolos das necessidades para manter a vida corporal:

– participar da comunidade humana, nos seus empreendimentos e decisões.

Esta etapa de vida dos Patriarcas, corporificada em Abraão, constitui, pode-se dizer, o *"Deserto da Vida"* desse povo, porque colocado nas trevas, fora do espaço humano sócio-político organizado; rechaçados do próprio chão que pisavam, imprescindível para a vida humana. Por isso:

– *"Deserto"* – lugar ou situação que acumula a ausência de meios, de socorros e defesas das pessoas; lugar que não consegue dar coisa alguma.

– *"da Vida"* – porque sem saber onde buscar socorro, sem vislumbrar o menor sinal de solução, num sistema de morte organizado pelos poderosos – reis da Mesopotâmia, do Egito, e outros impérios do tempo – esse povo se sente marginalizado; a marginalização gera a angústia; a angústia isola e ele se vê deslocado, "fora de casa" suspirando pela vida. *Vida!*

Vida esta, intimamente ligada à terra, ligada à "casa"!

Pode-se dizer que antes do Êxodo os Patriarcas caminhavam pelo Deserto da Vida (Gn 12–50) porque ainda não se tinham encontrado com seu Deus.

Habitantes do deserto, rechaçados pelos mais fortes, os egípcios e sumérios, que também precisavam da terra mas dominavam e retinham para si a terra produtiva, procuravam "encontrar um lugar onde medrasse a vida" para poderem sobreviver. Possuir um pedaço de chão era para esses povos questão de vida ou de morte[3].

Por um lado, a primeira experiência, anterior ao Êxodo, está ligada à necessidade de uma terra fértil para o sustento da vida. Por outro lado, determina

3. Cf. ZENGER, Erich. *O Deus da Bíblia*. S. Paulo, Paulinas, 1989, p. 11-28.

também a experiência cruciante da impotência desses povos em possuí-la, no confronto de forças com os poderosos que a retinham sob seu domínio.

Os egípcios, já na época do Reino Antigo, sentiam-se ameaçados pelos nômades tidos como perturbadores da ordem e até perigosos. Os Faraós chegaram a fortificar a margem leste do Delta do Nilo para se protegerem contra saques e imigrações (invasões de terra) indesejadas destes povos vindos da Ásia. Num manuscrito do ano 2.000 aC lê-se a profecia de Neferti: "O que o mago Neferti disse... quando pensou nas condições do Delta leste, onde os nômades do Sinai entram com violência e prejudicam os camponeses na colheita e roubam suas juntas de bois quando estão arando! Por isso Armenemet I manda reforçar e alargar o 'muro do regente'. Agora está proibido aos asiáticos (os nômades do Sinai) entrar no Egito...".

Na segunda metade do terceiro milênio, no estado-cidade de Ur, os sumérios constroem um muro com o nome de "Martu-muro", para afastar os nômades e proteger-se contra suas invasões. Essas instalações fronteiriças compunham-se de torres, vigiadas por guardas. Contudo, a escuridão da noite os impedia de tudo vigiar constantemente e, muitas vezes, o suborno furava a fortaleza. Assim os nômades apossavam-se de pedaços de terra, para logo depois serem perseguidos e expulsos pelo exército dos poderosos[4]. Textos egípcios nos dão informações diretas sobre essas tribos nômades, chamadas "shosu do Sinai".

Numa lista com nomes de seis tribos, a quinta se intitula Região dos Shosu Javé. Historiadores, não sem contestação, vêem aí o documento extrabíblico mais antigo com o nome de Deus – Javé, ligado diretamente a um povo nômade que busca entrar no Egito e no Crescente Fértil, para aí se instalar em busca de melhores condições de vida.

Se a historicidade deste documento é discutível, a verdade é que Javé pode mostrar-se e mostrou-se como o Deus do Deserto do Sinai,[5] o protetor do povo nômade de Abraão e Moisés. Em muitas situações vitais e mesmo de perigo de morte, experimentadas pelo povo, no "Deserto da Vida", Javé lhes trouxe sua proteção. Veio ao encontro de Abraão para levá-lo a uma terra (Gn 12,1-3), que promete dar sob o juramento da Aliança. Assim o povo de Israel interpreta a mudança que aos poucos vai se operando em sua existência. Reconhece a presença de Javé, que o guia pela sua palavra e o conduz na busca de um lugar onde possa viver em paz e segurança.

O Israel do Antigo Testamento se lembrará sempre disso, desde suas mais antigas tradições; recordará sobretudo as intervenções de Javé que o livraram de morrer no deserto da sua História[6]; lembrar-se-á de Javé que vem ao seu encontro, para sustentar-lhe a vida quando cercado pela morte.

4. Cf. MARCHANDOUR, p. 48-52.

5. Cf. Dt 33,2; Jz 5,4s; Sl 68,8-11.

6. Cf. Ex; Nm; Dt.

Todavia, esse tempo antes do Êxodo – o Deserto da Vida – é tecido de paradoxos, que põem em dúvida a fé dos Patriarcas na realização da Promessa da Terra:

– Em Gn 27,47, Jacó tem que fugir da terra da promessa, embora o direito da primogenitura lhe seja assegurado.

– Em Gn 28,10-20 a teofania de Betel garante a Jacó a promessa da terra, mas ele logo se afasta do país.

– Com Labão, Jacó é obrigado a trabalhar para ganhar as duas esposas.

– Em Gn 31,22-54, somente com uma intervenção de Deus, numa nova fuga, chega ao acordo com Labão.

– Em Gn 32,1-20, ao regressar a Canaã, Jacó encontra dificuldades pela inimizade com seu irmão Esaú. Sanado o problema com Esaú, já em Betel, onde parece realizar a promessa pela posse da terra de cultura (Gn 28,13), surgem os problemas entre os irmãos, filhos de Jacó, narrados na história de José (Gn 37–50).

Essas narrativas explicam a "Historia do Arameu errante" (Dt 26,5) que, embora possuidor da Promessa da terra, morre sem ver sua realização. O chamado e a eleição de Deus pousam sobre Abraão. Seu povo é beneficiado com a comunhão com Deus, guiado pela sua palavra. Sua vida segue os ensinamentos divinos. Conduzido por Javé no Deserto da Vida, caminha para a realização da Promessa. Oprimido, acossado e ameaçado, sua vida depende dele e está presa à Promessa da Terra. *Deus e a Terra* constituem o binômio que para os Filhos de Abraão significa *Vida!*

Quando Jz 5,4s tenta descrever essa vinda de Javé ao deserto, para salvar, usa três imagens que caracterizam sua ação vivificante junto ao povo:

1. A vinda de Javé faz as montanhas tremerem, isto é, provoca medo e sacode as situações comuns da vida e do mundo.

2. A vinda de Javé faz os "céus pingarem", significando que provoca fertilidade e a plenitude da vida.

3. Javé no Sinai não é um Deus preso ao local, mas o Deus onipresente e misericordioso, que se locomove e vai ao encontro do necessitado, para se revelar e salvar.

Abraão representa esta etapa envolta em novidade e ao mesmo tempo em um paradoxo. Sua experiência registrada em Gn 12 é de expulsão da terra de Ur da Caldéia, onde se inicia uma história que tende à posse de uma terra e da vida, mas que dará lugar ao futuro apelo ao desapego dessa mesma terra e entrega desta mesma vida[7]. Possuí-las para poder entregá-las livremente. Nesta circularidade de receber e doar a terra e a vida entra em gestação o Servo de Javé.

7. Cf. Mc 10,21; Jo 15,13.

Abraão percebe a presença de Javé no Deserto de sua Vida, nele confia e parte. Sua confiança é o caminho por onde Javé vai conduzi-lo em direção à terra que lhe proporcionará a vida; é a semente que transformará a esterilidade de Sara.

Duplo desafio para a confiança de Abraão: não ter um palmo de terra e esperar possuí-la um dia; ante a esterilidade de Sara, aguardar confiante uma descendência.

Ambos os desafios ensinam a Israel:

– que "Experimentar a Vida" cercada de morte no "Deserto da Vida" e sobreviver *é* "Experimentar Deus", o doador e defensor da Vida.

– que Javé intervém no cerco da morte – privação da terra – com a Promessa de uma terra onde corre o leite e o mel, porque da terra depende a vida, e Ele é o Senhor da Vida e da Terra;

– que a confiança em Javé jamais será confundida.

Sua descendência, já numerosa nos filhos de Jacó, desce ao Egito no tempo de José (Gn 12–50), iniciando o processo do Êxodo: instalação nas terras de Gessen (Gn 47,1). Toma posse das terras que lhe foram dadas pela influência política de José (Gn 45–47), o irmão odiado, sem recurso ou autoridade, que se torna o poderoso, respeitado e temido controlador do império. Ele personifica a convicção de Israel de que as promessas impossíveis de Deus chegarão ao cumprimento por meios surpreendentes. Contudo, a família de Jacó compreende que Gessen não é a terra prometida a Abraão. É a terra do Faraó e não de José. É a terra adquirida por administração e não como presente. Enquanto permanecem no Egito, a visão de Jacó não se desvia da terra da promessa (Gn 48,19). É preciso não se deixar iludir: o ideal está na "terra prometida" e não na "terra possuída". A "Terra Prometida", terra habitada e usufruída com liberdade, mas sempre com a lembrança de que não é a morada eterna do ser humano[8]. Sua posse é passageira. Para Israel, esta terra possuída no Egito durou até o dia "em que subiu ao trono um faraó que não conhecia José" (Ex 1,8). Então o povo foi transformado em escravo, condição que não permite usufruir da "terra habitada"; teve por quinhão a tristeza, a angústia, a fome, a desolação (Ex 1,10-14), porque lhe foi tirada a terra possuída.

2. O ÊXODO

A vida angustiada de Israel no Egito explode no grito que chega aos ouvidos de Javé: "Ouvi o clamor de meu povo..." (Ex 3,7b). O painel de sua vida se transforma no quadro que fere os olhos de Javé: "Eu vi, eu vi, a miséria de meu povo..." (Ex 3,7a)[9]. E Javé continua: "Desci para libertá-lo" (Ex 3,8)! "Vai, Moisés, eu te envio para fazer sair o meu povo do Egito" (Ex 3,10).

8. Cf. Eclo 1,4; 14,18.

9. Cf. Dt 32,10; Sl 17,8.

Da terra possuída por influência de José, transformada em terra da escravidão, Israel parte em busca da terra prometida por Javé aos Pais, como dádiva. Vão atravessar de novo o deserto mas com a certeza de que já não estão no "Deserto da Vida" porque Javé os conduz por intermédio de Moisés (cf. Ex 3,14).

3. EXPERIMENTAR A VIDA DEPOIS DO ÊXODO OU EXPERIMENTAR DEUS NA VIDA DO DESERTO

O povo recomeça novamente a marcha pelo deserto em busca da Terra Prometida.

Nessa terra não semeada e sem cultivo, e como diz Jr 2,2 sem sementes, onde coisa alguma podia crescer, sua vida é ameaçada. Era o mesmo lugar sem promessa e sem esperança. Mas agora o povo já havia experimentado a sedentarização do Egito, tinha adquirido a certeza de que não é toda posse de terra que lhe proporciona vida.

Contudo, voltando de novo à experiência do deserto, é tentado pelo desejo de retornar ao antigo Egito, onde a carne e o pão eram abundantes, enquanto aí reinam ainda a fome e a morte; apesar da assistência benevolente de Javé para sustentar-lhe a vida no deserto, em contrapartida Israel respondia com infidelidade, desconfiança e desobediência que quase o destroem como povo e lhe apagam a fé em Javé.

A esse protesto, vem a proposta de Javé repetida por Moisés:

"Eis que farei chover pão do céu..." (Ex 16,4).
"Ao crepúsculo comereis carne e pela manhã vos fartareis de pão" (Ex 16,12).

Javé contrasta o pão do céu com o pão do Egito. O pão, a carne, a fartura vêm do Senhor do céu (Ex 12,4), assim como a sua fonte geradora, a Terra.

Israel, já de posse da terra conquistada sob a condução de Javé, refletiu sobre isso e aliou a Vida à posse da Terra. Viu na promessa da terra, tantas vezes repetida por Javé, a sua glória, sua presença; reconhece sua soberania na sua possibilidade de transformar situações: do vazio à saciedade; da fome à abundância de carne e pão; da morte à vida. Teve bem a consciência de que Javé transforma as condições de morte em vida, e, se assim age, decisivamente é porque ele é o Senhor da vida.

A grande surpresa para Israel foi a sua transformação do estado de miséria e penúria de nômade e marginalizado que era, em possuidor de uma terra farta.

Essa experiência fará o salmista mais tarde cantar o Sl 107(106):

"Eles erravam pelo deserto solitário,
e Javé os livrou de suas angústias.
Transformou o deserto em lençóis de água,
terra seca em nascentes
e aí fez morar os famintos!"

Na transformação de sua vida teve a experiência de Deus que lhe sustentava a vida no deserto, pois o Maná, pão dado por Javé, durou até que chegasse à terra de Canaã.

Contudo, a entrada na terra, não significou o fim do Maná: salvação na hora do desespero. Uma vez em Canaã Israel deverá cozer seu próprio pão. Deverá lembrar-se de que Javé não mais lhe propicia o pão do deserto – o maná – mas lhe dá a posse da terra e o condiciona a prover seu próprio pão.

No deserto o primeiro problema vital levantado não foi a "Presença de Javé", mas a ausência do pão e da água, como sinônimos de vida. Foi a necessidade do alimento: pão e água-vida, a busca da terra-vida, que revelaram a presença de Javé como o salvador; ele está sempre presente para transformar a morte em vida (Nm 14,14). É por isso que "Javé e o deserto", "Javé e os sem-terra" ou "os sem-lar", estão sempre juntos para a transformação do deserto, para a providência da terra e para a construção do lar.

Assim o deserto sugere o modo peculiar e os parâmetros da proteção de Javé para esse povo, embora os profetas o considerem como lugar ideal, ainda na tradição do encontro com Deus (cf. Os 2,16), o Dt apresente os 40 anos de peregrinação pelo deserto como tempo de prova (cf. Dt 8,1-5), e o redator sacerdotal veja o deserto como um tempo de castigo (cf. Nm 14,26-35). Em todos os tempos Israel soube que *"Experimentar a vida no deserto"* foi *"Experimentar Deus" e sua proteção.* O Salmista registrará esta fé no seu canto:

"Foste um socorro para mim.
Minha Vida está ligada a Ti,
a tua direita me sustenta..." (Sl 63,8s)

Esta foi a primeira experiência de vida para Israel. Na História, o pobre luta para guardar o dom da vida recebido gratuitamente; mas, privado da terra, encontra mil dificuldades que o fazem gritar e gemer. Deus esteve presente nesse gemido de Israel e o levou à posse da terra. A experiência histórica concreta da pobreza, da falta da terra, não o levou à morte, mas transformou-se na promessa de vida, na promessa do dom da Terra.

O deserto e a busca da terra representam, assim, os dois momentos que emolduraram a "Saída do Egito": antes e depois do Êxodo. O dom da terra pela promessa, sem lugar destinado, em vista da posse da terra prometida, a terra de Canaã.

Antes do Êxodo, na época patriarcal, o dom da terra era sustentado pela esperança das promessas feitas aos Pais. Quando estes chegam ao Egito, terra de poderosos, sua permanência foi passageira e transformou-se em escravidão.

Após o Êxodo, a peregrinação pelo deserto continua com a mesma situação material, mas com o objetivo determinado de se chegar à Canaã. Ambas as situações, de Abraão ou de Moisés, estão presas à promessa da terra selada com a Aliança de Javé. A Terra da Promessa de lugar indeterminado, prometida a Abraão, tornou-se Terra de Canaã, visada por Moisés.

Perguntando-se pela historicidade desses fatos narrados pela tradição sobre o Êxodo, embora ainda envoltos em interpretações várias, pode-se afirmar, como resultado da pesquisa científica sobre o Pentateuco, que na metade do séc. XVIII aC algo de extraordinário transformou um grupo de semitas em comunidade

religiosa[10]. Esse algo extraordinário traduz-se na experiência desse povo, explicitada por ele mesmo na certeza de ter recebido uma Revelação de seu Deus, Javé, o qual depois faz com esse grupo um compromisso no Sinai. Essa Aliança do Sinai inaugura uma relação entre Deus e Israel. Deus aí começa a revelar a esse povo um pouco do seu mistério.

Todos os povos e grupos humanos tinham seus deuses: mas o Deus que se revela pela Aliança do Sinai nada tem de semelhante aos deuses que são ídolos fabricados pelo próprio homem; deuses que são assassinados, morrem e renascem na seqüência das estações; deuses de origem mítica, que se comunicam com o homem por meio de ritos mágicos.

A única e grande novidade do Deus de Israel é que ele se revela no Sinai; põe-se a caminho ao lado desse grupo para proteger a sua Vida[11], faz com ele um pacto cujo objetivo é esta mesma Vida. Javé é percebido pelo grupo como um Deus que é encontrado nos caminhos da existência penosa, ou nas curvas do fracasso.

Hoje ninguém duvida desse caráter original da religião de Israel: "os hebreus foram os pioneiros em descobrir o significado da História como epifania do Senhor", e esta concepção foi assimilada e ampliada pelo Cristianismo. Israel experimentou essa manifestação divina no Êxodo, na saída da escravidão do Egito. Foi neste caminho que superou a distância que o separava de Deus, pôde experimentar quem é Deus e quem ele quer ser para o homem. Se Ele se apresentou pela primeira vez a Israel no deserto da vida, e foi percebido primeiramente por ele na saída do Egito, é porque quer estar mais perto de Israel, tirando-o da "marginalização, da lama, da escravidão".

Onde houver miséria humana, aí estará Deus vendo, ouvindo e descendo para salvar. Ele se mostrou como aquele que dá a vida e tira da morte. Neste encontro (Ex 3,10-17) ele mesmo veio à procura do ser humano (Os 13,5), inaugurando a convicção básica de toda a Bíblia de que não somos nós que nos encontramos com Deus, mas é ele que vem ao nosso encontro: "Deus desce do seu monte santo e pisa a terra", dirá o profeta. Mas ele será sempre um mistério para nós. Na narração do Êxodo, Moisés, não podendo ver a face de Deus (Ex 33,12-23), lhe pede: "Mostra-me teu caminho" (v. 13). Deus o mostra, passando à frente de Moisés como monitor e guia e deixando Moisés às suas costas[12] para seguir as pegadas divinas e entrar pelo "Caminho de Javé" que conduz à terra, à Vida: sua Vontade, sua Lei. Esta imagem previne o pronunciamento acrescentado ao Cântico atribuído a Moisés (Dt 32,1-44), o apelo à fidelidade à Lei como condição de permanência na Terra e de posse da vida:

"... Vós poreis em prática todas as palavras desta Lei. Não é uma palavra inútil para vós, porque ela é a vossa vida, e é por essa palavra que prolongareis vossos dias sobre o solo que ides possuir ao atravessar o Jordão" (Dt 32,46-47).

10. Cf. ZENGER, Erich. *O Deus da Bíblia*. S. Paulo, Ed. Paulinas, 1982, p. 9s.
11. Cf. Ex 13,21; Sb 10,17; 18,3.
12. cf. Ex 34,6; 33,12-23.

Essas palavras, e muitas outras semelhantes no Pentateuco, respondem à pergunta se ao entrar na Terra Prometida, após a travessia do Deserto sob a condução de Javé, Israel encontrará ali a segurança e a paz que há tanto tempo perseguia.

É convicção da tradição deuteronômica que a permanência e a posse da Terra Prometida e da Vida repousam no cumprimento da Lei – Vontade de Javé. A fidelidade à Lei é condição para guardar a Terra, porque o assentamento na terra se torna necessário para guardar a Lei.

Na Assembléia de Siquém, ao celebrar a entrada na Terra, Josué recomenda ao povo:

"Agora, pois, temei a Javé, servi-o com integridade e com sinceridade. Se abandonardes a Javé para servirdes a deuses estranhos ele vos deixará" (Js 24,14.20).

No século VII, Jeremias repetirá a mesma convicção do povo no oráculo de Javé:

"Eu vos introduzi numa Terra fértil ..." (Jr 2,7).

"Mas vós não me ouvistes; seguistes vosso coração perverso, sem me ouvir" (Jr 16,12).

"Eu vos lançarei fora desta Terra e não mais me lembrarei de vós" (Jr 16,13).

A obediência a esta Lei (cf. Dt 5–11) protegerá Israel da tentação da Terra Conquistada:

– Uma vez fora dos perigos do deserto, já na fartura e em segurança, não deverá esquecer-se de seu Deus nem deixar de cumprir sua Vontade para seguir atrás dos ídolos.

– Não deverá acontecer que, havendo comido e tendo se saciado, construído casas boas e habitado nelas, o seu coração se esqueça de Javé que o fez sair do Egito e o conduziu, através do grande e terrível deserto, até aquela Terra (cf. Dt 8,11-29).

Javé quer assim atingir a vida na sua realidade concreta; quer encontrar-se com seu povo na prática do dia-a-dia, no chão andado palmo a palmo, no ato de viver, de relacionar-se com os irmãos, consigo mesmo e com Deus. Por isso, antes de entrar na Terra Prometida, ainda no deserto, propõe-lhe, num compromisso, como viver na terra conquistada para não perdê-la, para guardá-la e um dia saber despojar-se dela.

Esse compromisso da *Lei* no Sinai sela a Aliança de Israel com Javé.

4. A ALIANÇA PARA A VIDA E PARA A MORTE

É uma Aliança para a Vida e para a Morte!

Como se vê, essa entrada de Deus no caminho do homem, através desse grupo semita, apresenta um aspecto teológico: não fere a transcendência divina, que se

manifesta a Moisés como "Eu Sou" (Ex 3,14). Afirma sua existência em contraposição com os ídolos, falsos deuses inexistentes; afirma que doravante é na história que os homens deverão procurar os sinais de sua presença e de sua identidade. Ele se manifestará no desenrolar da vida dos homens num tempo e no seu habitat próprio – a terra, dentro do limite de sua existência: do nascimento à morte. Israel compreende que precisa organizar-se para entrar e usufruir da posse da terra. Essa organização será pautada na Lei do Sinai, cujo princípio regula as relações dos homens entre si, com Deus e com a natureza que é vista e respeitada como criação e dádiva de Deus. A infidelidade a este princípio contém a semente da morte.

Israel compreende então que a vida só será experimentada e definida com relação a Deus, cujo nome é "Aquele que é" – o Deus da Vida. Lembrar-se-á sempre que a primeira entrada de Deus na sua história foi no dom da Vida, pela porta do Êxodo, isto é, pela porta que os miseráveis transpõem ao deixar a marginalização, rumo a uma vida digna, humanizada. Deus faz sair da escravidão e ensina a lição do deserto para entender que o problema não está no pão ou na terra, mas em estar com Deus. É isso que constitui a chave para buscar com sucesso "o Pão e a Terra".

É na passagem da servidão ao serviço, da opressão à liberdade, do receber o pão ao prover ao seu próprio pão, que Javé se revela como o Deus que faz viver:

"Ele é o Senhor, dono do Espírito que anima toda criatura" (Nm 27,16).

Todo Israel conhecerá o que escreveu o Dt 32,39:

"E agora, vede bem: Eu sou Deus, e além de mim não há outro!
Sou Eu quem mata e faço viver. Sou Eu quem fere e torno a curar.
e de minha mão ninguém escapa"[13].

Tal experiência registra as três grandes convicções sempre presentes no coração do povo em relação à vida:

- *Sua fonte*: Javé, que é o Deus vivo.
- *Seu caminho*: a Aliança, compromisso de observância da vontade de Javé, que traça a rota para alcançar e manter a vida.
- *Suas características*: A marca terrestre: a posse de uma terra, o compromisso de comportamento na terra, o uso da liberdade, a Lei que regula o teor desta mesma Vida.

Experiência que compreende:

– O afastamento dos poderosos que mantêm o domínio da terra e o controle de seus bens;

– A partilha da posse da terra e o usufruto de seus bens, garantia dos meios para mantê-los selados com o compromisso de Deus, mas conquistados com o esforço de todo o povo.

13. Cf. Is 41,4; 34,10.13; 44.

– A pressão sobre "Egito", que a custo abre mão do povo que lhe garante o trabalho, e que, liberado, se põe a caminho e enfrenta com persistência os obstáculos do deserto, as resistências dos sedentarizados, conseguindo, no final de tantas lutas, a partilha da terra.

– Sobretudo a Presença constante de Javé que está em todas as circunstâncias: muda o coração do Faraó, sustenta a caminhada do deserto, entrega em suas mãos os inimigos, dá-lhe a posse da Terra. Resumindo, Deus e a Terra estão juntos nesta primeira experiência de fé de Israel.

Todas estas interferências na trama de sua história, Israel as considera como manifestações do próprio Deus, para garantir-lhe a Vida. A história de Israel coloca assim o povo diante dessa Revelação divina que determina o exercício do direito e da justiça a serem respeitados, assim explicitados:

– Aliança com Deus, respeito à dignidade humana e uso da liberdade.

Deixá-los-á registrados em muitos textos e os guardará na memória, transmitindo-os de geração em geração, lembrando sempre ao povo que a *Vida está em relação com Deus,* como diz o sábio:

"O temor de Javé é fonte de vida para evitar os laços da morte" (Pr 14,27).

ou como canta o salmista:

"A minha consolação na minha miséria é que tua promessa me dá a Vida" (Sl 119,50).

A promessa de Deus foi a Promessa da Terra. Sua exigência, a fidelidade à Lei.

A tradição deuteronomista sintetiza essa relação geradora de vida, assim percebida por Israel em *Dt 30,15-18:*

"[15] *Eis que hoje coloco diante de ti*
a Vida e a Felicidade a morte e a desgraça.

[16] *Se ouves os mandamentos de Javé, teu Deus, que hoje te ordeno, amando Javé teu Deus, andando em seus caminhos e observando os seus mandamentos,* viverás e te multiplicarás. *Javé te abençoará na* Terra em que entras *para possuí-la.*

[17] *Contudo se teu coração se desviar, se não ouves e te deixas seduzir por outros deuses e os servires,*

[18] *Eu hoje te declaro: é certo que morrerás. Não prolongareis vossos dias sobre o solo em que ao atravessar o Jordão tomarás posse.*

[19] *Hoje tomo o céu e a terra como testemunhas contra vós: eu te propus a Vida e a Morte. A Bênção ou a Maldição. Escolhe pois a* Vida *para que vivas tu e a tua descendência,*

[20] *amando a Javé teu Deus, obedecendo à sua voz e apegando-te a ele.*

Porque disto depende a tua Vida. Assim poderás habitar sobre o solo que Javé jurara dar a teus pais, Abraão, Isaac e Jacó".

O texto afirma ao mesmo tempo:

– O que não muda para a fé de Israel é que a *Vida* está sempre do lado de Deus, garantida pela sua promessa e ligada ao cumprimento de sua vontade – os mandamentos.

– O que vai mudar ao longo da História é o significado e o valor da *Vida e da Morte,* em relação à crença em Deus, modificada pela cultura e sistemas vigentes.

O texto diz claramente: *Viver* é obter a felicidade, ter grande descendência, ser abençoado, entrar na posse da terra que fora prometida aos Pais e gozar de seus frutos[14]. *Morrer* é desaparecer, desligar-se da terra conquistada, confirmando a característica terrestre da vida do homem.

Ezequiel, por três vezes, repete essa mesma convicção nos mesmos termos:

"Dei-lhes os meus estatutos, revelei-lhes as minhas normas, as quais o homem deve praticar se quiser alcançar a vida"[15].

O Deuteronomista propõe a observância da Lei como penhor de vida, enquanto na tradição sapiencial, o sábio coloca o ensinamento como garantia da *Vida,* quando diz:

"O ensinamento do Sábio é fonte de Vida, para afastar os laços da morte" (Pr 13,14).

"O temor de Javé conduz à *Vida*" (Pr 14,27).

São três pois os construtores da vida: a *Lei* para o Deuteronomista, a *Sabedoria* e o *Temor de Deus* para o Sábio.

5. O SENTIDO DA VIDA

A originalidade de Israel está no sentido de sua compreensão da *Vida.* Ele aclara a história humana sempre ambígua. É uma luz que caminha no ritmo humano, acompanhando o lento caminhar de um povo desde seu estágio de nomadismo em busca de uma terra e que depois já adquire raízes na terra da promessa que se tornará posse da Terra Prometida – Canaã.

Entre o encontro de Javé com seu povo no Êxodo, talvez na metade do século XIII aC, até à afirmação explícita de uma vida além desta terra, passaram-se mais de mil anos. Foi apenas por volta dos anos 150 aC que o desejo de sobrevivência pós-morte seria explicitado na fé desse povo. Tal situação marca um grande atraso em relação aos gregos e egípcios para quem a idéia da imortalidade aflorou bem mais cedo. Pergunta-se o porquê desse atraso. A resposta está em que a Revelação

14. Cf. Gn 1,28-30; Gn 2,15.

15. Ez 20,11.13.21.

se encarna na cultura semítica, assumindo as influências antropológicas da mesma. Deus respeita o homem na sua liberdade e nos seus passos. Nunca impõe uma Revelação para a qual o homem não esteja preparado. Espera que sua capacidade cultural seja capaz de assimilar o que comunica. Por mais de mil anos a fé de Israel em Deus, doador e garantidor da Vida, atingiu apenas o espaço terrestre. Só depois de muito apreciar e estimar a vida terrena é que Israel pensa na firme esperança da Vida do além-túmulo. A posse de Canaã torna-se então símbolo da Jerusalém Celeste.

Alerta-nos a ter cuidado para não projetar o interesse de nossa vida só no depois da morte. Lembra-nos de que só quando se ama, suficientemente, a terra e a vida nela, de modo que tudo pareça terminado com a perda delas, é que se tem o direito de crer e esperar a ressurreição e um mundo novo.

A Vida é uma dádiva de Deus e só tem sentido em relação a Ele, e está intimamente ligada à realidade terrena.

Relatando hoje esta história ao nosso povo "sem terra", aos pequeninos, às massas sobrantes que sofrem a mesma angústia, o narrador bíblico mostra o Deus prometendo exatamente o que o mundo moderno nega. Ele quer dizer aos injustiçados como os nômades, uma palavra de confiança e de esperança. Ao mesmo tempo quer protestar contra a situação que os encarregados de administrar o bem do povo propiciam aos marginalizados.

Afirma a presença de Deus em tantas propostas que se levantam contra a situação de miséria do povo. Deus que age através dos esforços daqueles que procuram minorar as angústias; dos que trabalham para a solução das situações desesperantes, criadas pela fome e pela miséria. O narrador, que escreveu no século XI os fatos ocorridos do século XIX ao século XI aC, quis mostrar a presença de Javé tão viva no tempo da monarquia como nos tempos patriarcais.

Trata-se também de nossa relação com Deus que repete a mesma aventura conosco.

Diante da nossa História hoje, o relato de Israel no Egito adquire realidade admirável. O papel que o javista atribui aos poderosos na opressão dos nômades do Sinai se repete hoje sobre os empobrecidos: os "sem lar e sem pão". O sistema vigente transforma o mundo num "império faraônico", autodeificado; detentor de todos os poderes, manipulador de todos os bens, autocontrolável, desumano, com a potência de transformar seus projetos em semeaduras de morte. Perfeitamente simbolizado no Dragão Apocalíptico que toma proporções universais (Ap 13). O *Cordeiro Vitorioso* (Ap 14) é penhor da esperança que sustenta e impulsiona nossa luta pelas transformações perseguidas e ardentemente esperadas, que nos permitirão cantar com o povo o "Cântico Novo".

Maria Laura Gorgulho
Rua Marquês de Abrantes, 177/204
22230-061 – Rio de Janeiro – RJ